

ANÁLISE DO DISCURSO II

CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: DISCURSOS SOBRE A ATIVIDADE DE TRABALHO

Dayala Vargens (UERJ/CPII/UFRJ)
dvargens@uol.com.br

No presente trabalho, trazemos à baila algumas reflexões oriundas da pesquisa intitulada “Sentidos em reciclagem: uma análise linguístico-discursiva da construção da identidade profissional dos catadores de Jardim Gramacho” desenvolvida no Curso de Mestrado em Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras – UERJ. A pesquisa teve como objetivo, a partir de uma concepção dialógica da linguagem (Bakhtin, 2000, 2002), recuperar, nos discursos dos catadores de materiais recicláveis, os traços da identidade profissional desses trabalhadores em um contexto específico: o iminente fechamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.

Privilegiou-se na investigação a concepção de identidade(s) construída(s) no/através do discurso (Hall, 2003), logo, a ida a campo e a confrontação com sujeitos de pesquisa foram necessárias para a recuperação/construção de uma “massa de textos” sobre a atividade do catador. Do referido intercâmbio, resultou um *corpus* de análise que contempla as falas dos catadores produzidas em um *grupo de discussão*, dispositivo metodológico criado para possibilitar uma troca mais ampla entre a pesquisadora e os atores do trabalho. No que diz respeito ao embasamento teórico, seguimos a orientação da Análise do Discurso de linha francesa (Maingueneau, 2002, 1997) que fundamentou a análise do *corpus*. Esta priorizou, como categoria de análise, os participantes da locução discursiva, os elementos referentes à topografia e à cronografia discursivas e, ainda, as escolhas lexicais que apontavam para a interdiscursividade. As conclusões apontaram a identificação de diferentes traços da identidade profissional dos catadores: traços de resistência, traços de valorização, traços de liderança e traços de autonomia.

Aqui, nesta apresentação, trataremos mais especificamente das relações entre o mundo da linguagem e o(s) mundo(s) do trabalho e a construção de traços de identidade, visando refletir sobre as seguintes indagações decorrentes da trajetória de pesquisa: “O que a

pesquisa em Linguística tem a ver com o trabalho do catador?” O que faria uma linguista nesse lugar? Outras perguntas subjazem a essas indagações: “que tipo de contribuição a pesquisa aportaria para os catadores?” “O que justificaria o interesse do linguista acerca de sua atividade de trabalho?”

LINGUAGEM SOBRE O TRABALHO

A complexidade da relação linguagem e vida social é debatida há muito tempo nas diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais (sociologia, psicologia, antropologia etc.). Cada uma destas práticas científicas privilegia um ponto de vista diferente, tendo em vista a complexidade inerente a esse objeto, cuja compreensão mais ampla, em geral, exige a recorrência a saberes de diferentes disciplinas.

Desde o ponto de vista dos estudos da linguagem, tecemos a seguir algumas considerações sobre a relação linguagem/trabalho. Parece-nos de grande relevância retomar as reflexões de Lacoste (1998), sob a perspectiva de Nouroudine (2002), a respeito da possível tripartição entre a *linguagem como trabalho*, a *linguagem no trabalho* e a *linguagem sobre o trabalho*. Nouroudine (2002) esclarece que a tripartição das práticas linguageiras apresenta um interesse epistemológico, na medida em que traduz, diferentemente, a complexidade do trabalho de acordo com as três modalidades e apresenta a vantagem de permitir identificar mecanismos de funcionamento da relação linguagem/trabalho. Contudo, enfatiza a existência de uma estreita relação entre os elementos dessa tripartição cujas fronteiras são bastante tênues.

Em nossa pesquisa, cujo foco recai sobre a construção dos traços da(s) identidade(s) profissional(is) dos catadores de materiais recicláveis, voltamo-nos, mais especificamente, para o plano da linguagem **sobre** o trabalho. Embora as duas outras modalidades – linguagem **como** trabalho e linguagem **no** trabalho – também tenham sido alvo de observação, privilegiamos as falas dos catadores a respeito da sua atividade. Esta opção está relacionada com o nosso interesse de pesquisa, que está direcionado para o surgimento de novas práticas discursivas entre os catadores de Jardim Gramacho sobre o seu trabalho em um contexto específico: a previsão de fechamento

ANÁLISE DO DISCURSO II

do aterro. Acreditamos que essa nova linguagem sobre o trabalho traga novos sentidos no processo de construção da(s) identidade(s) profissional(is) desses trabalhadores. Por ora, prolongamos a nossa discussão a respeito da importância de investigar os elos entre linguagem e trabalho.

POR QUE INVESTIGAR OS ELOS ENTRE LINGUAGEM E TRABALHO?

Em notícias publicadas em junho de 2004 sobre acidente no aterro³, pouco encontramos da fala do próprio catador. Pouco espaço foi aberto para que os trabalhadores pudessem manifestar-se publicamente a respeito da ocorrência. As falas sobre a tragédia, os comentários, as avaliações, as críticas, o sofrimento foram silenciados. Minimizou-se a possibilidade de circulação desses discursos em outros espaços além de jardim gramacho. Remetemo-nos, então, a um problema de ordem política e social. A escassez de textos sobre os fatos referentes ao mundo da catação nos maiores veículos de comunicação do país⁴, a nosso ver, é um sintoma de uma “cegueira” social incapaz de ver os frutos da desigualdade por ela cultivada. Em cami-

³ Refiro-me as notícias sobre o soterramento de três catadores durante a madrugada do dia 16 de junho de 2005. Rosimeri dos Santos Teixeira, de 33 anos, Róbson Ermelindo dos Santos, de 31 anos e um rapaz de 21 anos, identificado apenas como Alan, morreram esmagados por toneladas de lixo despejadas por uma carreta contratada pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb).

Carreta de lixo esmaga três catadores no Rio. Folha de São Paulo, 17 de junho de 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u95806.shtml>. Acesso em 18 de junho de 2004; Lixo desaba e mata três. JB online, 17 de junho de 2004. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2004/06/16/jorcid20040616005a.html>. Acesso em 18 junho 2004; Catador, enfim, será enterrado. O Dia online, 19 de junho de 2004. Disponível em: <http://cliponline.com.br/gomateria.asp>. Acesso em 19 de junho de 2004; Carreta tomba no lixão de Duque de Caxias e mata três. Tribuna, 17 de junho de 2004. Disponível em <http://www.tribuna.inf.br/anteriores/2004/junho/17/noticia.asp?noticia=pais>. Acesso em 18 de junho de 2004.

⁴ Tomo, como exemplo, as poucas notícias publicadas acerca da morte dos catadores e também a insuficiente atenção dada ao fechamento do aterro e as suas consequências possivelmente desastrosas para os catadores caso não sejam implementadas políticas públicas que garantam trabalho para a categoria.

nho de mão dupla, esta cegueira é ainda mais preservada pelo silêncio. Perde-se a fala. Abafa-se o lixo.

Nas últimas décadas, os grandes meios de comunicação vêm abordando com frequência questões relacionadas ao meio ambiente. O discurso ecológico conquistou espaços mais amplos e, com ele, a remissão à importância da reciclagem. Nesse contexto, o catador passou a ganhar uma maior visibilidade. No entanto, o foco dessa discussão nunca esteve, de fato, sobre o catador, mas sobre a preservação da natureza, do “bem-estar social” (pelo menos do bem-estar de uma parcela da sociedade).

O mesmo silêncio acerca da atividade do catador estende-se a outras categorias profissionais. E o mesmo silêncio compartilhado pela mídia – com proporções diferentes – é também compartilhado em outros espaços, entre os quais, muitas vezes, situa-se a academia. Refiro-me, mais especificamente, aos abismos existentes entre a “linguagem do trabalhador” e a “linguagem acadêmica”, aos abismos entre os “saberes oriundos da experiência do trabalhador” e os “saberes acadêmicos” (Faïta, 2005).

Como um importante marco da criação de possíveis “pontes” entre esses dois mundos, devemos citar a década de 1980, na França, quando se iniciaram as colaborações interdisciplinares entre as ciências do trabalho e as ciências da linguagem⁵. Seguindo a tradição francesa, a partir da década seguinte, no Brasil, começaram a ser desenvolvidas várias pesquisas voltadas para as articulações entre trabalho e linguagem⁶.

Entre a diversidade de enfoques dos estudos que abordam a relação linguagem/ trabalho, focalizamos a vertente direcionada para os discursos *sobre* a atividade de trabalho. Para justificar a escolha da linguagem como entrada para a investigação do trabalho, Rocha, Daher e Sant’Anna (2002, p. 78) apresentam algumas razões:

⁵ Nessa época, formaram-se grupos de pesquisa como *Analyse Pluridisciplinaire des Situation de Travail* (APST) e *Langage et Travail* (L&T) (Souza-E-Silva, 2002, p.62).

⁶ Destacamos as produções do *Grupo Atelier* que reúne pesquisadores de diferentes universidades brasileiras interessados pelas relações linguagem e trabalho (PUC- SP, UERJ, UNIRIO, UNISINOS, UFMT, USP e UFPE) e dialoga com os grupos de pesquisa franceses APST e L&T citados na nota anterior.

ANÁLISE DO DISCURSO II

- a) o declínio do prestígio adquirido pelos *corpora* de arquivo que caracterizam os primeiros trabalhos em AD;
- b) a necessária incursão em práticas interdisciplinares como decorrência;
- c) a própria redefinição do que vem a ser o mundo do trabalho na academia, passando-se a valorizar, na universidade, as atividades de ordem extensionista: é desejável que a universidade - e, em especial, a universidade pública - ofereça à sociedade um retorno concreto do trabalho que realiza;
- d) a relevância da construção de um perfil do linguista como cientista social, distanciando-se da imagem dos “cientistas de gabinete”;
- e) a diversificação dos campos de atuação da Linguística Aplicada e
- f) os tipos de demandas mais recentemente encaminhadas ao linguista.

Os argumentos citados parecem-nos suficientes para sustentar a produtividade dos estudos que articulam linguagem e trabalho. Parece-nos, porém, de grande relevância retomar a questão referente à importância da intervenção do pesquisador, no seio da formação linguageira, no campo social do trabalho. Segundo Boutet (Nouroutine, 2002, p. 27),

A formação linguageira do trabalho foi construída sob a dominação das práticas linguageiras oriundas da organização e do trabalho tal como o trabalho deve ser realizado; as práticas linguageiras dos operadores e do trabalho real sendo dominadas.

Nesse sentido, explica-se a necessidade de intervenção do pesquisador, cujo papel seria criar uma condição de possibilidade para que a linguagem sobre o trabalho proferida pelos trabalhadores possa desenvolver-se e, dessa maneira, enfatizar o reconhecimento de seus saberes. Para tanto, exige-se um cuidado epistemológico, de modo que a fala dos trabalhadores não seja invalidada, diminuída ou abusivamente simplificada, mas que ocorra, de fato, um intercâmbio entre as duas categorias (protagonista do trabalho / pesquisador). Assina Nouroutine (2002, p. 28):

A pesquisa de uma “linguagem sobre o trabalho” adequada em relação a seu “objeto” passa pela realização de um processo dialógico e dialético em que as duas linguagens se confrontarão para “co-elaborar” uma “linguagem sobre o trabalho” de um novo gênero.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A contribuição do pesquisador na fabricação de novos discursos sobre o trabalho, por meio de intercâmbios com os protagonistas do trabalho, é, tal como considera Boutet (Nouroudine, 2002), uma maneira de reconstruir as relações entre as práticas linguageiras que constituem o mundo do trabalho. Acrescenta Nouroudine (2002, p. 27):

Trata-se de uma condição de possibilidade, não para que apareça uma linguagem sobre o trabalho emitida pelos atores do trabalho (tal linguagem já existe), mas para que ela se desenvolva e provoque o reconhecimento dos conhecimentos que comporta. (2002, p. 27)

O reconhecimento dos “saberes” dos trabalhadores, a nosso ver, implica garantir-lhes uma força maior nas relações de poder no campo social do trabalho e, conseqüentemente, a possibilidade de ampliar conquistas de melhores condições de trabalho e melhores condições de vida. Retomamos as palavras de Eder Sader (1988, p. 58-59) a respeito da importância da produção dos discursos nas condições de existência de um coletivo:

É através dos discursos que tais demandas são nomeadas e objetivadas de formas específicas. É através dos discursos que a carência virtual de bens materiais se atualiza numa carência de casa própria ou de um barraco, de sapatos ou de vestidos, de feijão com arroz ou carne-de-sol, de escola para os filhos ou televisão. É através dos discursos que a demanda do reconhecimento da própria dignidade pode ser satisfeita por meio do trabalho árduo ou da preservação do fim de semana para pescar, da liberdade individual ou da integridade da família, do culto religioso ou da liberdade política.

Ao longo desta dissertação, remetemo-nos ao processo de construção de novas práticas discursivas por intermédio da relação pesquisador/ trabalhador. Esta perspectiva da produção discursiva e da construção do conhecimento vai ao encontro de um dos pilares do pensamento bakhtiniano (2000): o dialogismo. A seguir, refletiremos sobre as concepções de linguagem e de pesquisa segundo a perspectiva dialógica.

LINGUAGEM E PESQUISA A PARTIR DA PERSPECTIVA DIALÓGICA

Em situação de pesquisa, torna-se essencial, para o pesquisador, a busca de estratégias discursivas que sejam capazes de preser-

ANÁLISE DO DISCURSO II

var as suas próprias faces⁷ sem ameaçar a de seus interlocutores. A tentativa de preservar as faces demanda ainda maior esforço, no início da trajetória de pesquisa, devido à possível escassez de conhecimentos que possuímos acerca de determinadas “regras” e “sentidos” compartilhados por um dado coletivo.

O manejo das relações com o Outro e o risco iminente da incompreensão fazem parte da atividade de pesquisa. E é, justamente, a busca de uma possível diminuição das lacunas que separam o pesquisador do Outro que impulsiona o trabalho do pesquisador. Pautada no pensamento bakhtiniano, afirma Amorim (2004, p. 26):

Tomamos como ponto de partida para o nosso trabalho a seguinte proposição: a estranheza do objeto de pesquisa afirmada enquanto a própria condição de possibilidade desse objeto. Assim, atribuímos à alteridade uma dimensão de estranheza porque não se trata do simples reconhecimento de uma diferença, mas de um verdadeiro distanciamento: perplexidade, interrogação, em suma, suspensão da evidência.

Devemos considerar que, apesar da constante busca do encontro do Outro, do conhecer, é em torno do desconhecimento do Outro e do reconhecimento da alteridade que se constitui um objeto de pesquisa.

É exatamente ali onde a impossibilidade de diálogo é reconhecida, ali onde se admite que haverá sempre uma perda de sentido na comunicação que se constrói um objeto e que um conhecimento sobre o humano pode se dar (Amorim, 2004, p. 28-29).

Quando Amorim (2004) considera que a “construção de conhecimento” se dá no espaço de confrontação entre o “eu” e o “tu”, vai ao encontro da perspectiva de Bakhtin (2000) segundo o qual, é apenas para os *Outros* que os meus pensamentos e enunciados se constroem.

Nesse sentido, devemos considerar que as interações pesquisador / trabalhadores constituem-se a partir de um amplo processo de negociação, no qual entram em jogo diferentes interesses e expectativas em relação ao *Outro*. Cada fala está sempre condicionada à suposição de um espaço permitido pelo *Outro* e às hipóteses sobre o

⁷ Remeto-me à teoria das faces de P. Brown e S. Levinson (Mangueneau, 2002), segundo o qual cada parceiro da enunciação possui uma face negativa (território de cada um) e uma face positiva (fachada social).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que esse *Outro* esperava ouvir. A relação estabelecida entre os locutores é uma das dimensões do diálogo para Bakhtin (2000). Afirma o teórico:

Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta. O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário... (Bakhtin, 2000, p.320)

Além da relação entre os interlocutores (eu/tu) da enunciação, há uma dimensão mais ampla do diálogo, segundo Bakhtin (2000). Trata-se do diálogo existente entre um enunciado com outros enunciados já proferidos e também com enunciados futuros sobre o mesmo objeto. O dialogismo – na sua dupla orientação - é um fenômeno característico de toda a comunicação verbal. Desse modo, a heterogeneidade é um elemento constitutivo de qualquer discurso cuja produção sempre se dá pelo “*debate com a alteridade independente de qualquer traço visível de citação, alusão etc.*” (Souza-e-Silva, 2004, p. 192).

Voltando-nos, mais especificamente, para a presente pesquisa, devemos considerar que múltiplos sentidos e discursos que circulam sobre a atividade do catador contribuem no processo de sua construção identitária em um momento histórico específico. Discurso, identidade e história não podem ser compreendidos separadamente. A seguir, discutiremos essa relação.

IDENTIDADE COMO PROJETO

“Quem somos nós? O que queremos?” foi o nome dado ao “1º Encontro de Catadores da Baixada Fluminense e Rio de Janeiro” organizado pela Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. As perguntas escolhidas pelos catadores para nomear o evento servem como ponto de partida para refletirmos sobre a questão da construção da (s) identidade (s) profissional (is) desses trabalhadores.

Segundo Hall (2003), vivemos uma explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. Tal fato obriga-nos a dar contornos mais específicos sobre a perspectiva teórica adotada no presente

ANÁLISE DO DISCURSO II

trabalho. Destaca-se, entre as perspectivas identitárias, o embate entre as abordagens essencialistas e as abordagens não essencialistas (Woodward, 2000). Para os essencialistas, a identidade constitui-se de um conjunto cristalizado e autêntico de características compartilhadas por todos os seus integrantes. Em geral, fundamentam-se, para defender a ideia de uma identidade fixa e imutável, nas origens biológicas de um dado grupo ou, possivelmente, nas suas origens culturais e históricas. Desse modo, fortalecem a crença na existência de uma identidade verdadeira e obscurecida que deve ser revelada.

A afirmação da identidade por intermédio do apelo a alguma “qualidade essencial” tem sido alvo de críticas dos não essencialistas. Estes acreditam que os grupos identitários não são blocos homogêneos e tampouco estáveis. Ao contrário, consideram as similaridades e também a heterogeneidade como traços constituintes de um dado coletivo. As identidades, portanto, não são unificadas, mas pode haver contradições no seu interior, que implicam constantes negociações. Os não essencialistas defendem ainda que nenhuma identidade é fixa, mas está sujeita a um processo de contínuas transformações ao longo da história.

Nesse sentido, as contradições e os conflitos, que não aparecem nas perspectivas essencialistas como elementos constitutivos da identidade, passam a configurar nas abordagens não essencialistas, que consideram a ideia de “construção” como componente importante para pensar a questão da identidade. Segundo essa perspectiva, a identidade vive um constante processo de (re) construção sempre relacionado a demandas concretas de um momento histórico particular. Em outros termos, a construção de identidade emerge de um momento histórico específico e está relacionada com a construção de um projeto político.

Remetendo-se, mais especificamente, aos movimentos sociais que surgiram a partir da década de 1960 no Ocidente, afirma Woodward (2000, p. 34):

A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em suma, a identidade é concebida como resultado - sempre instável - de um processo de construção vinculado às necessidades do tempo presente. Pensar sobre a identidade de um dado grupo implica considerar as ideias de “invenção”⁸ e de “negociação”. Entendemos que admitir a invenção da identidade não é o mesmo que dizer que ela não tenha origem (Foucault, 2003, p. 16), mas admitir que existem diferentes maneiras de resgatar a história de uma dada comunidade, segundo os projetos políticos almejados.

Hall (2003, p. 108), opondo-se à perspectiva essencialista, concebe a identidade como um conceito “estratégico” e “posicional”. Isto é, rejeita a ideia de que existiria um “núcleo estável do eu” que passaria idêntico ao longo da história. Tampouco acredita, pensando na questão da identidade cultural, em um “eu coletivo” que se esconde dentro de muitos outros “eus”. Ou seja, um eu coletivo capaz de garantir o pertencimento cultural ou uma unidade fixa. A perspectiva identitária da qual o autor se aproxima é definida como:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2003, p. 108)

Para Hall (2003), as identidades estão relacionadas com a recuperação de recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não propriamente do que “nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas sim do que “quem nós podemos nos tornar”.

Voltemo-nos para a presente história dos catadores. Como se pode perceber, no título do encontro promovido pelos catadores, “*Quem somos nós? O que queremos?*”, são especificadas duas demandas de natureza distinta, embora estejam estreitamente relacionadas. Uma delas é definir “*o que queremos*”. Isto é, a categoria necessita explicitar as suas pretensões, os seus projetos e as suas reivindicações. Há, porém, uma outra necessidade manifestada mediante a pergunta “*quem somos?*”. O catador questiona-se a respeito do

⁸ Refiro-me ao conceito de “invenção” retomado por Nietzsche (Foucault, 2003, p. 14-16) como oposição da ideia de “origem”.

ANÁLISE DO DISCURSO II

que ele é ou, como diria Hall (2003), do que ele pode vir a ser. Em outras palavras, interroga-se acerca da (s) sua (s) identidade (s) e procura uma resposta. Para tanto, promove um encontro de catadores. Procura articular-se com outros catadores que possuam as mesmas indagações e os mesmos projetos. Desta articulação, é fortalecido o movimento dos catadores e, ao mesmo, são construídos traços identitários da categoria. A nosso ver, a complementaridade entre as duas perguntas que nomeiam o evento dos catadores, “*o que somos?*” e “*o que queremos?*”, ilustra os elos existentes entre a construção identitária e o projeto político de um determinado grupo.

A concepção da identidade como projeto é compartilhada por Azevedo (2003, p. 43-44):

Assim, um mesmo grupo pode passar por diversas configurações de identidade nos diferentes momentos de sua história, de acordo com os recursos que lhe são oferecidos pelas situações concretas por que passam. Uma crise, um rearranjo de seu ambiente natural ou técnico podem colocar em questão, momentânea ou duradouramente, esta configuração. Em momentos de crise, muitas vezes identidades que permaneceram reprimidas, reduzidas ao silêncio, submersas, invisíveis, num grupo coeso, emergem, provocando contestações e remanejamentos substanciais, atingindo em profundidade a representação que um grupo pode fazer de si mesmo e de suas ações.

Diante da concepção de que as identidades são construídas em locais históricos específicos, acreditamos que refletir sobre a construção da identidade profissional dos catadores de Jardim Gramacho exige a consideração das suas condições de vida objetivas que configuram o atual momento histórico e, ainda, voltarmo-nos, por meio da interação pesquisador/ sujeitos de pesquisa, para as práticas discursivas criadas neste espaço e neste tempo, em um AQUI e em AGORA específicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. *O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2004.

AZEVEDO, C. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: ABREU, M & SOIHET, R. *Ensino de história: con-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

———. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

FAÏTA, D. Falar do trabalho, trabalhar a fala. **In:** FAÏTA, D (org.) *Análise dialógica de atividade profissional*. Rio de Janeiro: Imprensa, 2005.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

FRANÇA, M. B. *Uma comunidade dialógica de pesquisa – Atividade e movimentação discursiva de trabalho de recepcionistas de guichê hospitalar*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo.

HALL, S. Quem precisa de identidade? **In:** SILVA, T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. **In:** Duarte, F. Feitosa, V. *Linguagem & trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

———. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. **In:** SOUZA-E-SILVA, M.C. & FAÏTA, Daniel. (orgs.) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

ROCHA, D. O. S.; DAHER, M. C. F. SANT'ANNA, V. L. A. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. **In:** SOUZA-E-SILVA, M.C. & FAÏTA, Daniel. (orgs.) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

ANÁLISE DO DISCURSO II

SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA-E-SILVA, M.C. Quais as contribuições da Linguística Aplicada para a análise do trabalho? **In:** —. *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **In:** SILVA, T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.